

Conflitos sobre o conflito: crise colombo-equatoriana em jornais latino-americanos

Angela Zamin

Doutora | Unisinos

angelazamin@gmail.com

Resumo

O artigo analisa a produção jornalística do acontecimento 'Angostura', no período de março de 2008 a agosto de 2009, a partir dos jornais latino-americanos O Estado de S. Paulo, El Tiempo e El Comercio. No nível discursivo, orienta-se por três modos de aproximação entre Jornalismo e conflito: (1) conflitos que o Jornalismo reconhece; (2) conflitos que provoca, e (3) que o envolvem. Percebe-se, deste modo, o papel do Jornalismo na construção das estruturas do conflito e na circulação dele.

Palavras-chave

Jornalismo, acontecimento, conflito.

1 Introdução

Porque impactam no social e nas instituições, os conflitos ocupam uma posição central na luta pela compreensão da experiência contemporânea. Tal afirmação aproxima o conflito do Jornalismo, enquanto espaço discursivo estratégico, lugar de acolhimento e significação deste tempo. Configura-se, todavia, também, como espaço no qual se desenvolvem disputas interessadas. Em meio à ambiência 'do que dizer' e 'como dizer', os discursos "competem na definição dos parâmetros legítimos para pensar o tempo presente" (RIFIOTIS, s/d, p. 1).

O Jornalismo constitui-se não apenas como lugar de acolhimento destes conflitos, mas como linguagem e dispositivo *para os confrontos discursivos* e acaba, muitas vezes, por configurar-se parte do conflito de que estes acontecimentos são portadores. Como os acontecimentos não são apenas o que ocorre, mas, especialmente, como se tornam (QUÉRÉ, 2005), e para 'tornar-se' carecem de esclarecimentos que chegam por meio de fontes, o

Jornalismo enreda-se nestes dizeres, muitas vezes conflituosos. Rey Morató (1988) inscreve o Jornalismo na antropologia social do conflito e identifica nos confrontos certa integração. Afirma não se tratar de ‘jogos de tudo ou nada’, mas ‘de interesses mezclados’.

Comumente o Jornalismo estabelece um corte arbitrário no fluxo das atividades em curso no mundo. Certos acontecimentos, por sua vez, impõem seus fluxos ao Jornalismo. São acontecimentos que têm a capacidade de se prolongarem no tempo porque, por um lado, continuam a acontecer na medida em que afetam e são reconhecidos pelos indivíduos a quem acontecem (BABO LANÇA, 2005); por outro, impactam no social e nas instituições públicas (GROSSI, 1985); e, ainda, ajudam a interpretar ocorrências posteriores e a revelar conflitos que existiam antes como problema para os atores neles implicados.

O artigo apresenta e explora um destes acontecimentos a partir de seu ingresso em três jornais latino-americanos de referência, o brasileiro O Estado de S. Paulo, o colombiano El Tiempo e o equatoriano El Comercio. Trata-se do ‘Angostura’, forma como denomino a crise colombo-equatoriana desencadeada pela incursão do Exército colombiano no território equatoriano, em 1º de março de 2008, para dismantelar o posto das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) sob a responsabilidade de Raúl Reyes, morto no ataque. A análise orienta-se pelas ligações entre o Jornalismo e o conflito a partir de textos de março de 2008 a agosto de 2009 dos jornais estudados.

Percebe-se ao estudar a produção do ‘Angostura’ que o Jornalismo é atravessado pela tensão do acontecimento. Da mesma forma, vê-se diante de um conflito dependente do comportamento dos sujeitos diretamente envolvidos, especialmente lideranças governamentais, e dos antagonismos que isso provoca. A conflitividade está também nos modos como o acontecimento se apresenta – a morte de Raúl Reyes, a invasão do território equatoriano, os nexos de governos latino-americanos com as Farc, a crise entre Estados-nação – que, por sua vez, aciona o excepcional, o desvio, a infração.

Ao examinar o ‘Angostura’ identificam-se três modos de aproximação entre o Jornalismo e o conflito: (1) pelos conflitos que o Jornalismo reconhece; (2) pelos conflitos que provoca; e (3) pelos que o envolvem. Os primeiros estão conectados com os recortes que o Jornalismo faz no acontecimento, ao deter-se em questões de natureza violenta, nos usos do território, nos problemas públicos. No ato de reconhecer alguns conflitos e não outros, ou fragmentos de um conflito, está contido o peso da ação jornalística, visto que é o Jornalismo que os reconhece e os recorta. O segundo se refere aos conflitos que provoca a

partir de suas escolhas e de seus modos de narrar o que é o acontecido, quer sejam interpretados como erros ou acertos na condução de tais processos. Aqui, detenho-me nas incorreções que comete, porque em menor número e mais facilmente reconhecíveis. Já o terceiro alude à relação entre o Jornalismo e os sistemas políticos enquanto lugares nos quais o acontecimento ingressa e é interpretado.

Conjuntamente os pontos 2 e 3 ampliam a compreensão da expressão “cada vez mais a imprensa fala da própria imprensa” (ECO, 1998, p. 78), para além do fato de se constituir em fornecedora de falas a circular. A análise evidencia que a imprensa se torna objeto a ser comentado. Assim, o Jornalismo mostra processos, comenta produtos, trata da cultura jornalística, contesta resultados, apoia, critica, defende. A análise como um todo permite perceber o papel próprio ao Jornalismo, qual seja, o de construção das estruturas do conflito. Pode-se afirmar, a partir dela, que o Jornalismo faz parte da circulação do conflito.

2 Conflitos reconhecidos pelo Jornalismo

O Jornalismo reconhece alguns dos conflitos do mundo vivido com vistas a interpretar o que vai pelo mundo em determinado momento histórico. Destes, todavia, se apropria de um ou outro aspecto. Com o aporte da noção de combates discursivos (FOUCAULT, 2006), se considera que o acontecimento não é apenas causalidade anterior, mas potencialidade de produção do social. A análise desses discursos busca complexificar as relações entre os níveis do conflito: da vida social que ao emergir impõe-se para o Jornalismo e deste ao recolocar o conflito para o social. Os combates discursivos se estabelecem em meio à ambiência ‘do que dizer e como dizer’ e configuram uma das formas de disputa por poder, tanto do Jornalismo, internamente, quanto dos campos e atores sociais dos quais ele ‘recorta’ dizeres.

Exploram-se aqui, no plano discursivo, os diferentes conflitos que o trabalho jornalístico reconhece e materializa ao tratar do ‘Angostura’. O acontecimento é um capítulo importante da história latino-americana recente, quer como evento particular dentro da luta por paz no interior do conflito armado colombiano – apesar da violência do acontecimento –, quer como instaurador de um novo conflito, a crise diplomática entre Colômbia e Equador. A produção jornalística deste acontecimento é analisada a seguir em dois níveis discursivos: (a) os conflitos que se ligam ao ‘Angostura’ e que competem por espaço no discurso jornalístico e (b) os conflitos sobre o conflito, ou seja, a significação dos conflitos pelos

jornais analisados. Neste segundo evidencia-se “como a mecânica jornalística procede por redundância, para nos dizer o que é necessário pensar, reter, esperar” (MAROCCO, 2007, p. 95).

O primeiro nível de análise estrutura-se por cinco trajetos temáticosⁱ que, aglutinados, dão a ver o acontecimento ‘Angostura’. No segundo nível, diretamente vinculado ao primeiro, os jornais revelam-se como espaços de conexão entre o visível e dizível. Esse nível é conformado por três trajetos que reúnem os discursos que qualificam, dotam de sentidos os acontecimentos trazidos pelo Jornalismo. Verifica-se pela análise a opção por apresentar os conflitos, preferencialmente, a partir de referentes que ensejam questões de território – a fronteira, o problema regional, a violação consentida, o controle, a soberania, a inviolabilidade territorial, o Equador, a Colômbia, a agressão, a legítima defesa, a extraterritorialidade – e o comportamento dos envolvidos nos conflitos, apresentado, geralmente, por meio de acusações ou refutações, que no acontecimento estudado originam-se em fontes oficiais – ‘diz o diplomata’, ‘manifestou o chanceler’, ‘segundo o presidente’.

a) Os conflitos

Primeiro: a morte de Raúl Reyes, a invasão do território equatoriano e a denúncia de nexos entre as Farc e governos vizinhos à Colômbia (a partir dos computadores recolhidos no acampamento da guerrilha) compõem o primeiro trajeto temático, uma vez que eles, justapostos, conformam o ‘Angostura’, ou crise colombo-equatoriana. A série de textos que permitem interpretar a emergência do acontecimento, a partir de diferentes modos de dizê-lo que se sucedem nesse momento, conforma este trajeto. Temporalmente ele se estabelece durante a primeira semana de cobertura quando, um a um, se sucedem os modos de dizer o ocorrido.

Segundo: a confirmação da morte do equatoriano Franklin Aisalia durante o ataque de 1º de março, é elemento importante na fixação de trajetos temáticos auxiliares na compreensão do ‘Angostura’. Isto porque ela acabou gerando nova onda de instabilidade na esfera política equatoriana, por uma parte, e confirmando as reiteradas denúncias oriundas do sistema político colombiano sobre nexos das Farc com vizinhos, por outra. Essas denúncias conformaram um trajeto à parte (o terceiro) pela dimensão que assumiram no interior dos sistemas políticos durante a crise.

O equatoriano morto, Franklin Aisalia, foi o único trasladado à Colômbia junto de Raúl Reyes após a ação em 'Angostura'. Os jornais El Tiempo e El Comercio primeiro revelam a suspeita de que entre os mortos havia um equatoriano, depois tratam da confirmação e, finalmente, dedicam-se a trazer elementos que possibilitam identificar o duplo papel de Aisalia: auxiliava a guerrilheira Nubia Calderón, representante das Farc no Equador (que se suspeitava estar entre os sobreviventes do ataque) e repassava informações para as forças de segurança equatorianas.

Terceiro: os nexos entre as Farc e autoridades de países vizinhos compõem um terceiro modo de interpretação do acontecimento, uma vez que grande parte dos dizeres que ingressam no Jornalismo diz respeito a essas relações. Esse trajeto se materializa de três maneiras complementares nos jornais observados: pelas denúncias do governo colombiano; como reação dos acusados perante elas e como confirmação de sua veracidade, porque a esfera política apresentou alguma prova ou o envolvido a confirmou. Como grande parte das denúncias realizadas pela Colômbia, com base nos computadores de Raúl Reyes, dirige-se a equatorianos ligados ao governo, as reações destes compõem esse terceiro conjunto de dizeres que se ligam ao 'Angostura'.

Quarto: a segurança regional conforma o quarto trajeto. Nele ingressam, especialmente, a criação do Conselho de Segurança da União de Nações Sul-Americanas (Unasul) e a ampliação da presença do Exército estadunidense na Colômbia, por meio da liberação de uso de bases militares, dentro das ações do Plano Colômbia. A criação da Unasul é relacionada pelo Estado e por El Comercio ao ataque de 1º de março de 2008 e aos impasses posteriores. Detecta-se aí o transbordamento da crise colombo-equatoriana para o interior de outras instituições públicas.

Quinto: a ordem de prisão contra o ex-ministro da Defesa colombiano Juan Manuel Santos (atual presidente colombiano) emitido pela Promotoria do Equador, sob a acusação de coordenar a operação de 1º de março. Antes da ordem de captura solicitada à Interpol, que se negou a cumpri-la, e refutada pelo governo colombiano, Juan Manuel Santos foi convocado a participar de audiência de confrontação, no Equador, na Província de Sucumbíos.

b) Os conflitos sobre o conflito

Primeiro: a defesa da soberania, interna e externa, em oposição à defesa da segurança, interna, compõe o primeiro trajeto temático que é apresentado no Jornalismo. A defesa da soberania está diretamente conectada à interpretação do conflito pela perspectiva equatoriana, enquanto a segunda se vincula ao governo colombiano. Esse segundo modo abarca, também, um discurso de defesa diante do terrorismo, uma vez que a Colômbia reconhece desde 2003 as Farc como grupo terrorista.ⁱⁱ Faz dialogar, ainda, a oposição entre terrorismo e força beligerante.

No objetivo da condenação à violação territorial, mais tarde, o Equador passou a acusar a Colômbia de ter realizado execuções sumárias durante o ataque de 1º de março. A suspeita é apresentada pelo diário equatoriano *El Comercio* considerando o anúncio feito pelo governo a partir das autópsias realizadas nos guerrilheiros mortos. A Organização dos Estados Americanos (OEA), chamada para mediar a crise colombo-equatoriana, contestou também o uso da tese de legítima defesa, válida somente quando um país é atacado por outro, não por um grupo irregular.

Segundo: a fragilidade das fronteiras nacionais. Este trajeto aproxima-se do anterior se objetivado pelo viés da diplomacia, mas se distancia se trabalhado enquanto espaço vivido, habitado, do social, sobretudo. Para este trajeto temático convergem, portanto, os discursos que se referem à singularidade das fronteiras, ou seja, serem a um só tempo, a passagem e o impedimento, o legal e o ilícito, o encontro e o desencontro. Nota-se que aí se encontram unidades antagônicas sobre as quais se assentam tanto a ordem quanto à desordem; problemas públicos como o contrabando, a fuga, a migração.

A conflitividade do acontecimento se orienta pelo uso que se faz do território. No interior deste trajeto temático são inscritos dizeres sobre as fronteiras, uma vez que inúmeras vezes os presidentes da Colômbia e do Equador repetem que um e outro se descuidam deliberadamente delas, permitindo a ação das Farc. Do Equador parte a contenda de que o descuido permite que as Farc saiam do território colombiano; enquanto a Colômbia afirma que a negligência com a fronteira possibilita que a guerrilha entre no Equador.

Exemplo disso é a afirmação do presidente Rafael Correa, elevada a título pelo diário *El Comercio*: “En el Norte limitamos con las Farc”.ⁱⁱⁱ Pela declaração o mandatário

equatoriano assenta nesses termos o uso da fronteira compartilhada com a Colômbia. O jornal argumenta que Correa recordou que o governo colombiano, ao não proteger sua fronteira, acabou por empurrar as forças irregulares para o território equatoriano “para involucrarnos en el conflicto”.

Terceiro: os esforços para a superação da crise. As inúmeras tentativas de restabelecimento das relações entre a Colômbia e o Equador são reunidas nesse trajeto temático. Nele se aglutina uma série de declarações, prioritariamente de fontes oficiais, que confirmam ou refutam a aproximação dos dois países. Nesse quadro ingressam, sobretudo, os principais personagens da crise e a eles são atribuídos sentidos por um Jornalismo que se dedica a acolher valorações. Rafael Correa, presidente do Equador, é qualificado pelo governo colombiano por sua falta de seriedade.^{iv} Álvaro Uribe, por sua vez, é chamado de mentiroso pelo governo do Equador e definido como alguém que tenta confundir o povo colombiano.^v

3 Conflitos provocados pelo jornalismo

Ao propor sentidos para os acontecimentos, o Jornalismo pode provocar novas fissuras. Os conflitos provocados por ele são originados pela forma de dizer o acontecimento, quer sejam reconhecidas como ‘corretas’ ou ‘incorretas’ por seus pares, leitores ou por aqueles diretamente interessados naquilo que está sendo dito. De um modo geral, é difícil identificar e, por isso, mensurar os conflitos provocados pelo Jornalismo porque envolvem o reconhecimento de outrem. Abordam-se incorreções produzidas no momento da apuração, especialmente pela falta de verificação daquilo que ingressa no jornal, ou da produção discursiva, por erros que alteram o sentido da informação. As incorreções examinadas são apontadas pela própria imprensa ao fazer circular falas que se originam em outro meio, evidenciando um movimento no âmbito da produção, um Jornalismo fonte do próprio Jornalismo.

Dois exemplos são aqui referidos: o primeiro trata de uma incorreção no colombiano El Tiempo ao identificar erroneamente as pessoas que apareciam em uma fotografia; no segundo, um erro da Folha de S. Paulo que incidiu sobre o conflito e levou outros jornais a se ocuparem dele.

a) A foto que não era

Atravessado pela tensão do acontecimento ‘Angostura’ e valendo-se de fontes oficiais e do *off*, El Tiempo configura-se também como produtor do conflito que se dedica a interpretar. Às vésperas da reunião da OEA em Washington, realizada em 17 de março de 2008, o jornal colombiano afirmou em nota que o ministro da Segurança Interna e Externa do Equador, Gustavo Larrea, havia participado de reunião com Raúl Reyes, tomando por base os arquivos dos computadores do guerrilheiro.

No dia 17, o jornal colombiano publicou em seu site uma foto do suposto encontro entre Reyes e Larrea, indicando como fonte a Polícia Nacional colombiana. A foto entrou na pauta da reunião de chanceleres da OEA, acirrando a crise colombo-equatoriana. O embaixador do Equador na Organização, Efrén Cocíos, apontou para uma *patraña* midiática da imprensa internacional contra o governo do seu país e afirmou que a pessoa da foto não era o ministro Larrea^{vi} – *patraña* indica mentira ou notícia fabulosa. Os primeiros dados sobre o verdadeiro protagonista da foto surgiram ainda na OEA quando funcionários da representação argentina na organização afirmaram tratar-se de Patricio Echegaray, secretário do Partido Comunista argentino.

No dia 18, El Tiempo traz no título a informação de que “El ministro Larrea no era el de la foto”,^{vii} complementando-a na linha de apoio ao explicar que “El personaje que apareció ayer con ‘Raúl Reyes’ en una fotografía publicada por El Tiempo – que según la fuente de la Inteligencia de la Policía que la suministró era el ministro ecuatoriano de Seguridad, Gustavo Larrea – es en realidad el dirigente comunista argentino Patricio Etchegaray”. Primeiro informa como havia obtido a foto, para, em seguida, alertar que a versão da fonte mostrou-se equivocada. Conforme o relato, o próprio Etchegaray se apresentou ao jornal, enquanto o ministro equatoriano, por meio de comunicado, qualificou a publicação de um “nuevo y descabellado intento de desprestigio”. O jornal assume o erro ao afirmar: “El Tiempo lamenta esta situación y ofrece disculpas al ministro Gustavo Larrea y al gobierno ecuatoriano por los hechos”.

El Comercio introduz o acontecimento a partir da cobertura de El Tiempo; indica seus próprios movimentos – foi o correspondente em Buenos Aires que se comunicou com Patricio Echegaray para verificar que ele era o sujeito da foto – e avalia o erro cometido pelo seu par colombiano, “el más importante de Colombia”,^{viii} a partir da opinião de outros

jornalistas. No texto, o correspondente em Bogotá, Carlos Rojas, argumenta que o erro não é “um simples fato anedótico”, visto que colocou em debate “el comportamiento de los medios de comunicación colombianos”. A jornalista María Teresa Ronderos, assessora editorial da revista Semana, assenta o debate sobre a pressa na produção, a difusão de informações filtradas pelas fontes e, finalmente, a absoluta credibilidade dada às versões oficiais. A correspondente do Le Monde em Bogotá, Marie Eve Detocut, destaca ser indispensável que o Jornalismo filtre cuidadosamente as informações e questione as declarações que se originam em fontes governamentais.

Ilustração 1: A foto que não era



Fonte: O Estado de S. Paulo e El Tiempo

Legenda: A incorreção do El Tiempo em O Estado de S. Paulo (18 mar. 2008); a retificação do El Tiempo (18 mar. 2008); o desfecho em O Estado de S. Paulo (19 mar. 2008)

O Estado de S. Paulo agrupa todas as informações no dia 18. O texto da correspondente em Washington Patrícia Campos Mello inicia-se pela reação do governo equatoriano, mesclando informações do El Tiempo – o meio que mais vezes lhe serve de fonte para a cobertura do ‘Angostura’ (Zamin, 2011) – e da agência EFE.^{ix} No dia seguinte apresenta o desfecho do ocorrido ao relatar que o colombiano El Tiempo desculpou-se com o governo do Equador pela afirmação equivocada. Entre aspas reproduziu trecho do texto: “Este jornal falhou em seus procedimentos de verificação (...) e falhou ao não atribuir

claramente a informação à sua fonte', afirmou El Tiempo em editorial".^x Percebe-se que, além de acompanhar o conflito entre os países, o Estado acompanha como o jornal colombiano movimenta-se em meio ao conflito.

b) O 'não' que não existia

A Folha de S. Paulo traz na edição de 2 de outubro de 2008 uma entrevista com o presidente equatoriano Rafael Correa sobre a aprovação da nova Constituição do país, realizada em Manaus pela repórter Kátia Brasil, da Agência Folha, após reunião dos presidentes do Brasil, Bolívia e Venezuela. A jornalista indagou o mandatário se a crise com a Colômbia estava superada, recebendo a resposta:

De nenhuma maneira. Nossas relações estão cortadas porque, entre outras coisas, a Colômbia tem informações de gravações do bombardeio e nada nos informou. Esse caso nunca será superado porque há uma clara agressão deliberada e desleal ao território equatoriano por parte de um país que consideramos irmão, porém tem um governo [Álvaro Uribe] que não consideramos amigo.^{xi}

No dia seguinte essa resposta ingressa no equatoriano El Comercio. O título "No hay perdón para Uribe"^{xii} antecipa o conteúdo do texto, que a fragmenta, trazendo as declarações de Correa entre aspas. A edição do dia 4 do colombiano El Tiempo revela o ingresso das declarações de Rafael Correa na esfera governamental e no Jornalismo colombianos. O texto "Uribe no irá a cumbre de CAN [Comunidade Andina de Nações] en Ecuador en protesta por nuevas críticas de Correa"^{xiii} revela que "el malestar del presidente colombiano se originó por una entrevista que Correa concedió al diario brasileño Folha de São Paulo". O texto destaca a reação do governo colombiano: "El presidente de Ecuador, 'emitió declaraciones a los medios de comunicación, en las cuales se refiere en términos desobligantes hacia el Gobierno de Colombia'".

No dia 5 é a vez de El Comercio fazer referência ao novo momento da crise diplomática. Para tanto traz a reação do presidente equatoriano diante da manifestação de seu par colombiano ao acusá-lo de "burlarse de Ecuador al desistir de participar en la cumbre".^{xiv} O termo 'acusação' é empregado por El Comercio, que não usa aspas nesta parte do texto. O jornal atribui a origem deste novo momento da crise à entrevista publicada pela Folha, ao acrescentar como elemento novo a incorreção cometida pelo jornal brasileiro em sua transcrição: "Correa señaló que 'es verdad que hay error en la transcripción' de una entrevista que ofreciera a un periódico brasileño".

A Folha, em 6 de outubro, faz referência ao fato de a Chancelaria do Equador ter divulgado nota em que atribui o erro de transcrição da entrevista de Correa ao jornal. Assume o erro, reproduz a nota da Chancelaria e faz uma última ressalva:

No texto publicado pela Folha foi incluído um ‘não’ que mudou o sentido da frase [...]. A reportagem voltou a ouvir a fita, e, apesar da fala rápida de Correa dificultar a audição do trecho, constatou que esse último ‘não’ de fato não foi dito por ele. O jornal, no entanto, não conseguiu detectar o primeiro ‘não’ que consta da nota equatoriana (“não de um país que consideramos irmão”).^{xv}

Em sua versão *online* o jornal corrige a informação na própria entrevista, assinalando isso em nota.^{xvi} A circulação se encerra com novo texto no equatoriano El Comercio, no dia 7, em que este diz que a Folha admitiu o erro na reprodução da entrevista após ouvir novamente a gravação.^{xvii} A nova versão, todavia, não ingressa em El Tiempo. O Estado de S. Paulo não se ocupa em nenhum momento do ocorrido.

4 Conflitos enfrentados pelo Jornalismo

O Jornalismo exerce um papel ainda mais complexo quando se vê desafiado por acontecimentos que acabam por envolvê-lo nos conflitos que trazem à tona, especialmente, por que de modo contínuo estes se conectam aos sistemas políticos. Na cobertura do ‘Angostura’ os jornais El Tiempo e El Comercio, pela proximidade dos espaços em crise, acabam enredados pelas tramas de um jogo de forças conflituosas, por que este sempre representa interesses e disputas por poder no discurso. Esse jogo se realiza em movimentos dos sistemas políticos e das instituições jurídicas, em intervenções da diplomacia e, em maior ou menor medida, pelas processualidades do Jornalismo. Ao ‘jogar’, movimentando-se entre as mediações políticas e diplomáticas e entre os fluxos do acontecimento, o Jornalismo é desafiado a interpretar os estágios do conflito. É importante considerar que as desordens do mundo vivido não são linearidades que se sucedem uma a uma; antes, elas se interpenetram, se sobrepõem ou se anulam.

No processo de produção do ‘Angostura’, permeado continuamente por interações e embates “com os sujeitos intervenientes dos conflitos” (CHAPARRO, 2001, p. 52), em alguns momentos o Jornalismo tornou-se sujeito deles. A proximidade das fontes oficiais do mesmo modo como o leva a incorreções, o enreda em conflitos, geralmente por que divergem de suas interpretações. Analiso a seguir momentos da produção do ‘Angostura’ nos quais os jornais El Tiempo e El Comercio ocupam-se de si mesmos e de seus pares, trabalhando os conflitos nos quais eles são envolvidos.

El Tiempo é enredado por confrontos que se originam, essencialmente, nos sistemas políticos de países vizinhos à Colômbia, como quando foi acusado pelo chanceler venezuelano Nicolás Maduro, junto de outros jornais, de criar uma espécie de sistema de desinformação e manipulação e de tentar fixar a agenda política aos governos envolvidos na crise colombo-equatoriana.^{xviii} Ao descrever o contexto da declaração, afirma que “era visible su enojo con los diarios que han divulgado datos de los computadores de ‘Raúl Reyes’ [...], por nexos que allí aparecen entre Chávez y altos dignatarios de su gobierno con las Farc”.

Na esteira de inúmeras agressões aos meios de comunicação latino-americanos e da demanda da SIP às autoridades da Bolívia, El Salvador e Venezuela para indagar sobre atos violentos e intimidação contra jornalistas, o colombiano El Tiempo produz uma extensa reportagem sobre isso, mobilizando as correspondentes Valentina Lares Martiz e Maggy Ayala Samaniego, de Caracas e Quito, respectivamente.^{xix} *O jornal aborda reiteradamente agressões do governo equatoriano aos meios de comunicação do próprio Equador e afirma que repetidas vezes o presidente Rafael Correa designa de “‘mediocre’, ‘corrupta’ y ‘mentirosa’ a la prensa local”. Especialmente, ocupa-se de críticas dirigidas ao El Comercio – o jornal empregado de maneira recorrente como fonte em sua cobertura do ‘Angostura’.*

Dentre as acusações, uma foi dirigida à diretora do jornal El Comercio, Guadalupe Mantilla. Diante de reportagem do El Comercio sobre contratos milionários de Fabricio Correa, irmão do presidente Correa, com o governo, o mandatário reagiu e indagou em seu programa semanal no rádio: “¿Qué pasaría si en ‘El Telégrafo’ (diario en manos del Estado) se publica la versión de un ex empleado de El Comercio diciendo que (Mantilla) es una explotadora, narcotraficante?”^{xx} Segundo El Tiempo, “la directora del influyente diario ‘El Comercio’ reclamó respeto al mandatario por la permanente agresión verbal que mantiene contra los medios de comunicación y periodistas del país”. El Tiempo traz também o presidente da Sociedade Interamericana de Imprensa, Enrique Santos, que “condena la forma denigrante en la que el presidente Correa se refiere a los periodistas y dueños de medios de manera constante y recurrente, que lejos de promover un debate sano y democrático genera un clima de confrontación”.^{xxi}

As afirmações contrárias ao El Tiempo trazidas pelo El Comercio são oriundas, do mesmo, de fontes equatorianas. Ao cumprir um ano da ruptura diplomática, diante da manifestação do ministro da Defesa colombiano, Juan Manuel Santos, de que seu país “tiene el derecho de ‘golpear terroristas’, aunque estén en un tercer país”, o governo equatoriano

rechaçou a tese de legítima defesa e deixou claro que ela em nada colaborava para a normalização das relações. Neste contexto, foram criticados os jornais colombianos *El Tiempo* e *El Espectador* por ‘sugerirem’ uma falta de controle pelo Equador de suas fronteiras.^{xxii} Em inúmeros textos as fontes trazidas por *El Comercio* retornam à incorreção de *El Tiempo* – da foto que não era – e a situam como agravante da crise.^{xxiii}

Inúmeros meios de comunicação equatorianos foram alvo de críticas originadas no sistema político de seu próprio país. Em dada situação, ao se referir à crise com a Colômbia, o presidente Rafael Correa a relacionou ao papel dos meios. *El Comercio* afirma, sem o uso aspas, que o mandatário questionou, em duros termos, os meios de comunicação sob o argumento de que “la prensa supuestamente desinforma”.^{xxiv} O jornal equatoriano *El Comercio*, como demonstra *El Tiempo*, se vê diretamente envolvido, em alguns momentos, em conflitos gestados nas instâncias políticas de seu próprio país. A agressão à diretora do jornal é um desses momentos. Nesta situação concreta, o jornal opta por publicar uma nota de protesto na qual afirma que o “Grupo *El Comercio* considera inaceptable la comparación que hizo el presidente Rafael Correa”.^{xxv}

É recorrente nos textos sobre o ‘Angostura’ a presença de críticas do governo equatoriano a alguns meios de comunicação de outros países, emitidas em resposta a acusações feitas por estes, como ao *The Wall Street Journal* por um artigo em que acusa o governo do Equador de apoiar ativamente as Farc, tomando por base provas exibidas por Bogotá;^{xxvi} e ao *El País* por assegurar em reportagem que em 2006 as Farc haviam depositado dinheiro na conta do partido Alianza País, o do presidente Correa, para financiamento da campanha.^{xxvii}

5 Considerações finais

Por que reconhece alguns dentre os fluxos do acontecimento, por que o interpreta de uma maneira e não de outra, por que carece do relato dos sujeitos envolvidos, os jornais observados acabaram por se tornar parte do conflito do qual se ocupavam. Além de se enredar no conflito, o ato de ordenar mantém o Jornalismo enredado no seu próprio conflito, epistêmico. Em outras palavras, o Jornalismo se enreda porque o seu enredo é tomado pela ordem que ele deseja instaurar.

Ainda em relação ao ordenamento evidenciam-se operações que visam à busca e à partilha de sentidos, já que o acontecimento não é apenas da ordem do que ocorre, mas de

como ele se torna. Logo, o acontecimento jornalístico não é a ocorrência nos espaços do mundo vivido, mas aquilo que vai se gestando pela ação jornalística e por meio dela é devolvido ao mundo.

A escolha ou a recusa daquilo que se liga a determinado acontecimento se refere tanto aos interesses do meio no qual ele ingressa, quanto as suas condições de produção, uma vez que nem sempre é possível acompanhar ou alcançar aquilo que de maneira fragmentada têm existência. O fato de o 'Angostura' ser dependente dos sistemas políticos da Colômbia e do Equador, da mesma forma, contribuiu para que o Jornalismo optasse por um ou outro ator, privilegiando determinados âmbitos e aspectos do acontecimento e não outros. Importante considerar que a posição dos jornais é ativa, eles são coprodutores dos acontecimentos na medida em que os transpõem dos espaços do vivido ao Jornalismo. Desta forma, o Jornalismo é parte da circulação do conflito.

O alto grau de conflitividade de determinado acontecimento indica, de certo modo, um alto nível de importância política e, por sua vez, o envolvimento do Jornalismo nos conflitos aí gestados. O *enjeu* com o sistema político, todavia, não é unilateral – e o Jornalismo não é a parte enfraquecida na relação –, uma vez que um e outro dependem dos modos de dizer a situação. O Jornalismo, contudo, é quem detém o poder de fazer circular sentidos. Por suas operações, o Jornalismo é partícipe do conflito, o provoca, o incita pelos modos como diz o ocorrido; independentemente de erros ou acertos na condução da cobertura jornalística.

O peso da ação jornalística está nas escolhas realizadas em meio aos processos de produção. Por que identifica, distingue e recorta acontecimentos, por que provoca conflitos e por que neles se enreda, o Jornalismo desempenha o papel singular e próprio – e quase exclusivo – de construção das estruturas do conflito. O enredar-se, por sua vez, não desloca para fora do jornal o foco ativo, antes diz da própria episteme jornalística, a de ordenador. Ordem que, no que se refere à produção jornalística, permite mostrar ao mundo o que nele é acontecido.

Referências

BABO LANÇA, I. A constituição do sentido do acontecimento na experiência pública. **Trajectos**, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, 2005. p. 85-94.

CHAPARRO, M. **Linguagem dos conflitos**. Coimbra: Minerva, 2001.

ECO, U. **Cinco escritos morais**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 14. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

GROSSI, G. **Rappresentanza e rappresentazione**: percorsi di analisi dell'interazione tra mass media e sistema politico in Italia. Milano: Franco Angeli, 1985.

GUILHAUMOU, J. Le corpus em analyse de discours: perspective historique. **Corpus**, n.1, nov. 2002. Disponível em: <<http://corpus.revues.org/index8.html>>.

MAROCCO, B. Entre crime e terrorismo: o dilema apresentado pela *Folha de S. Paulo*. **Estudos em Comunicação / Communication Studies**, v. 1, p. 95-110, 2007.

QUÉRÉ, L. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos**, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, 2005. p. 59-75.

REY MORATÓ, J. **Crítica de la razón periodística**. Un análisis desde la teoría general de la información. Madrid: Complutense, 1988.

RIFIOTIS, T. Nos campos da violência: diferença e positividade. In: **Laboratório de Estudos das Violências**. UFSC. s/d.

ZAMIN, A. Meios-fonte nas páginas de Internacional de *O Estado de S. Paulo*. **Galáxia**. v. 11. São Paulo: PUCSP, 2011. p. 250-261.

ⁱ No interior de um trajeto temático (GUILHAUMOU, 2002) em distintos momentos do corpus, a materialidade dos textos impõe um trajeto de leitura não pela mera progressão temática, mas como forma de acessar os movimentos discursivos, produtores de julgamentos e argumentos. Tal movimento possibilita apreender feixes de sentido de enunciados que se agrupam em torno do itinerário de uma posição de sujeito, da formação de um conceito e da organização de um objeto.

ⁱⁱ LAS RELACIONES entre Ecuador y Colombia siguen enredándose. **El Comercio**, Política, Quito, 26 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/relaciones-Ecuador-Colombia-siguen-enredandose_0_164386579.html>.

- iii EN EL NORTE limitamos con las FARC. **El Comercio**, Política, 21 jun. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/norte-limitamos-FARC-Correa_0_166185507.html>.
- iv COLOMBIA insiste en acusar a Correa. **El Tiempo**, Política, Bogotá, 15 abr. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2899102>>.
- v CORREA califica de 'cantinfladas' los comunicados de Colombia. **El Comercio**, Quito, 20 abr. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Correa-califica-cantinfladas-comunicados-Colombia_0_164984351.html>.
- vi PALLARES, Martín; GARCÉS, Santiago Estrella. Diario El Tiempo me ascendió a ministro: Patricio Echegaray. **El Comercio**, Política, Quito, 19 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/Diario-Tiempo-ascendio-Patricio-Echegaray_0_164384512.html>.
- vii EL MINISTRO Larrea no era el de la foto. **El Tiempo**, Nacional, 18 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2866926>>.
- viii ROJAS, Carlos. La tarea de la prensa en las crisis, en debate. **El Comercio**, Quito, 19 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/tarea-prensa-crisis-debate_0_164387320.html>.
- ix MELLO, Patrícia Campos. Quito endurece posição em relação a Bogotá. **Estado**, Internacional, São Paulo, 18 mar. 2008.
- x 'EL TIEMPO' pede desculpa a Quito. **Estado**, Internacional, São Paulo, 19 mar. 2008.
- xi BRASIL, Kátia. Carta garantirá governabilidade, diz Rafael Correa. **Folha de S. Paulo**, Mundo, São Paulo, 2 out. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u451056.shtml>>.
- xii NO HAY perdón para Uribe. **El Comercio**, Política, Quito, 3 out. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/perdon-Uribe_0_168586688.html>.
- xiii URIBE no irá a cumbre de CAN en Ecuador en protesta por nuevas críticas de Correa. **El Tiempo**, Bogotá, 4 out. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-4583127>>.
- xiv OTRO traspie en las relaciones con Colombia. **El Comercio**, Política Quito, 5 out. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/traspie-relaciones-Colombia_0_168586715.html>.
- xv QUITO atribui a erro da Folha crise com Bogotá. **Folha de São Paulo**, Mundo, São Paulo, 6 out. 2008. Disponível em: <www.folha.com.br/082752>.
- xvi ERRAMOS: Carta garantirá governabilidade, diz Rafael Correa. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 9 out. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u454229.shtml>>.
- xvii FOLHA admite imprecisão em entrevista a Correa. **El Comercio**, Política, Quito, 7 out. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Folha-admite-imprecision-entrevista-Correa_0_168586054.html>.
- xviii ARAÚJO y Maduro trataron de descongelar la agenda bilateral, **El Tiempo**, Política, Bogotá, 3 jul. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2959980>>.
- xix CRECE el acoso contra medios de comunicación en Latinoamérica. **El Tiempo**, Mundo, Bogotá 3 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-3552732>>.
- xx SAMANIEGO, Maggy Ayala. Presidente Rafael Correa arrecia sus ataques a la prensa en Ecuador. **El Tiempo**, Justicia, Bogotá 21 jul. 2009. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-5659287>>.
- xxi SIP critica actitud de Correa contra prensa. **El Tiempo**, Bogotá, 25 jul. 2009. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-3540393>>.
- xxii LA DESCONFIANZA en Colombia crece. **El Comercio**, Política, Quito, 3 mar. 2009. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/desconfianza-Colombia-crece_0_7799513.html>.
- xxiii ZEAS, Santiago. 'Descartamos el diálogo con Colombia'. **El Comercio**, Política, Quito, 10 mar. 2009. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Descartamos-dialogo-Colombia_0_3599675.html>.
- xxiv EL PLAN Colombia es un fracaso: Correa. **El Comercio**, Política, Quito, 16 nov. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Plan-Colombia-fracaso-Correa_0_169184379.html>.
- xxv 'ES INACEPTABLE la insinuación del presidente Correa'. **El Tiempo**, Política, Quito, 20 jul. 2009. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/inaceptable-insinuacion-presidente-Correa_0_83991801.html>.
- xxvi CORREA denuncia nueva campaña de rumores y agresiones desde Colombia. **El Comercio**, Política, Quito, 27 jun. 2009. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Correa-denuncia-campana-agresiones-Colombia_0_68993104.html>.
- xxvii EL RÉGIMEN solicita a El País rectificar. **El Comercio**, Justicia, Quito, 4 ago. 2009. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticiaEC.asp?id_noticia=295294&id_seccion=4>.

Conflicts over conflict: Colombo-Ecuadorian crisis in Latin American newspapers

Abstract:

The article analysis the journalistic production of 'Angostura' event, in the period between March 2008 and August 2009, from the Latin American newspapers *O Estado de S. Paulo*, *El Tiempo* and *El Comercio*. At the discursive level, the study is guided by three approaches between Journalism and conflict: (1) conflicts that Journalism recognizes; (2) conflicts that Journalism causes, and (3) conflicts that involve Journalism. Thus, it is possible to notice the role Journalism plays on the building of the conflict structures and on the circulation of it.

Keywords:

Journalism, event, conflict.

Conflictos por el conflicto: crisis colombo-equatoriana en diarios latinoamericanos

Resumen:

En este trabajo se analiza la producción periodística del acontecimiento Angostura, desde marzo de 2008 hasta agosto de 2009, por medio de los periódicos de América Latina *O Estado de S. Paulo*, *El Tiempo* y *El Comercio*. En el plano discursivo, está guiado por tres modos de acercamiento entre el periodismo y conflicto: (1) conflictos que el periodismo reconoce, (2) conflicto que él causa, y (3) que lo involucran. Es claro, por tanto, el papel del periodismo en la construcción de las estructuras del conflicto y en su circulación.

Palabras clave:

Periodismo, acontecimiento, conflicto.

Recebido em 13/03/2013

Aceito em 28/06/2013